

## **Cinema e Tevê – Suas relações com as transformações sociais no Egito**

**Muna Omran**

Professora Doutora de Teoria da Literatura/ Unipli  
[m\\_omran@uol.com.br](mailto:m_omran@uol.com.br)

**Resumo:** Este artigo analisa as transformações sociais e legais provocadas pelo filme egípcio *Urdo Hallen* (Preciso de uma solução), do diretor Said Marzouk (1975). Apresenta-se uma leitura do filme, examinando-se a relação entre sociedade islâmica, história e cinema, uma vez que a produção em análise coloca em debate as leis corânicas que regem o Egito. O filme não só colocou em evidência as relações legais com as religiosas, bem como, trinta anos depois, produzia efeito, ao abrir espaço para uma produção de um seriado feito por mulheres sobre uma mulher, a cantora egípcia Um Kulthum, num Egito que se vê mais do que nunca influenciado pelos fundamentalistas.

**Palavras-Chave:** Cinema - História – Cultura – Comunicação - Islamismo

## **O CINEMA E SUA FUNÇÃO SOCIAL**

Há mais de cem anos o cinema faz parte das artes contemporâneas, a sétima arte criada pelos irmãos Lumière não possui apenas o objetivo de entreter. O cinema, ao longo de sua história, foi capaz de mostrar que é um agente transformador social, bem como, mais uma fonte de pesquisa para o historiador. Para Marc Ferro, a idéia de estudar só cinema, sem nenhum vínculo com a realidade que o produz é tão absurda quanto estudar o mundo sem o cinema.

“Resta estudar o filme, associá-lo ao mundo que o produz. A hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção é História; o postulado? Que aquilo que não se realizou, as crenças, as intenções, o imaginário do homem, é tanto a história quanto a História.” ( FERRO, Marc. 1995, 120)

O mais simples e direto dos entretenimentos não deixa, ainda, de apresentar uma ideologia, reorientando a percepção social. Documentando e representando a realidade pela ficção, o cinema, de acordo com Walter Benjamin, não deixa de ter uma função redentora para a coletividade:

“Nas obras cinematográficas, a reprodutibilidade técnica do produto não é, como no caso da literatura ou da pintura, uma condição externa para sua difusão maciça. A reprodutibilidade técnica do filme tem seu fundamento imediato na técnica de sua produção. Esta não apenas permite da forma mais imediata, a difusão em massa da obra cinematográfica, como a torna obrigatória. A difusão se torna obrigatória, porque a produção de um filme é tão cara que um consumidor que poderia, por exemplo, pagar um quadro, não pode mais pagar um filme. O filme é uma criação da coletividade.” (Benjamin, 1994, 172).

Assim, a sétima arte não se desvincula da realidade na medida em que

“A natureza ilusionística do cinema é de segunda ordem e está no resultado da montagem. Em outras palavras, no estúdio o aparelho impregna tão profundamente o real que o que aparece como realidade ‘pura’, sem o corpo estranho da máquina, é de fato o resultado de um procedimento puramente técnico, isto é, a imagem é filmada por uma câmara disposta num ângulo especial e montada com outras da mesma espécie” (op. cit. p. 186).

Logo, para o filósofo alemão, a emoção provocada pela recepção do mundo representado pelo cinema, leva o receptor a compreender a função social do cinema, libertando o homem das opressões.

“Uma das funções sociais do cinema é criar um equilíbrio entre o homem e o aparelho. O cinema não realiza essa tarefa apenas pelo modo com que o homem se apresenta diante do aparelho, mas pelo modo que ele representa o mundo graças a esse aparelho. (...) o cinema faz-nos vislumbrar, por um lado, os mil condicionamentos que determinam nossa existência e por outro assegura-nos um grande e insuspeitado estado de liberdade.” (op. cit. p. 189).

E esta sensação de liberdade se realiza no filme egípcio *Urido Hallen* (Preciso de uma solução - 1975)<sup>1</sup>, dirigido por Said Marzouk e estrelado pela primeira-dama do cinema egípcio Fatten Hamama<sup>2</sup>.

## **O EGITO EM LIBERDADE**

O cinema egípcio tem uma longa tradição no Oriente Médio, pois, em termos de artes visuais, o Egito sempre fora vanguarda, na medida em que, sendo protetorado britânico durante a primeira metade do século XX, muitos filmes americanos e europeus eram passados para os funcionários europeus e a elite egípcia. Os filmes não tinham apenas o objetivo de entreter, mas também de impor o *modus vivendi* do Ocidente, pois ao mesmo tempo em que havia uma recusa destes valores pela sociedade egípcia, havia uma pequena aproximação.

“ (...) o pensamento político árabe dos séculos XIX e XX defrontou-se com a seguinte contradição: deveria optar pela modernidade, para melhor resistir à penetração do mundo ocidental, mas nesse caso, perceberia que pouco sobrava da identidade árabe, a não ser a língua e o vínculo territorial.” ( FERRO, 1996. 286).

O que podemos observar é que o Egito aderiu de imediato a invenção dos irmãos Lumière. Em 1897, já se inaugurava a primeira sala de projeção na cidade de Alexandria e em 1907os fotógrafos Aziz Bandarli e Umberto Dorés inauguravam o primeiro estúdio e produziram o primeiro documentário do cinema no Egito, também na cidade de Alexandria.

Os investidores da sétima arte no Egito eram estrangeiros como seus técnicos. Então, em 1935, é fundado o primeiro estúdio genuinamente nacional, para as produções do país. Momento de formação e propagação da busca de uma identidade nacional, o cinema contribuiu para esta reafirmação ao filmar biografias de personalidades da história da

---

<sup>1</sup> O filme foi apresentado no festival de cinema egípcio realizado no Rio de Janeiro no final de década de 70.)

<sup>2</sup> O filme deu à atriz vários prêmios por este filme. Festival Internacional de Cinema de Teerã; prêmio de Excelência no Festival de Cinema Egípcio. Eleita como melhor atriz pelo seu desempenho pela academia de Críticos e Autores de Cinema do Egito.

civilização egípcia. A temática dos primeiros filmes egípcios girava em torno de temas locais ou personalidades históricas do Egito antigo, como o caso do filme *Cleópatra* (1943), uma produção dos estúdios dos irmãos Lama.



Cena do filme *Cleópatra* (<http://www.bibalex.org/AlexCinema/historical/chronology.html>)

Neste momento de florescimento de uma identidade árabe-egípcia, o futuro presidente Nasser ainda coronel do exército e professor de história da escola de cadetes, incutia o sentimento nacionalista em seus alunos.

“Ali ele ensinava aos cadetes sobre as primeiras vitórias dos árabes, e sobre a luz que irradiava da ciência e da civilização do islã antigo em uma época em que a Europa dormia na semi-escuridão. Ele contava, como, quando a Renascença ia surgindo, o islã entregou sua herança aos europeus ocidentais, enquanto afundava num torpor e se atrofiava.[...] Agora precisávamos pensar criativamente em um modo de redespertar a consciência nacional do mundo árabe. Levá-la adiante e modernizá-la. Essa longa marcha necessitava de um conhecimento de ciência e das idéias mais recentes.” ( ALI, Tarik. 2002.p. 146).

O cinema, assim, aliado às instituições que desejavam mudanças, contribuía para a construção de uma nova pátria, longe das influências ocidentais.

## **UM ESPAÇO LIVRE PARA AS MULHERES**

A mulher egípcia passou a ter espaço no cinema em 1927, quando a atriz de teatro Aziza Amir decidiu produzir um filme, chamado *Neda'a Allah*, ( *Chamado de Deus*). No entanto, a produtora e o diretor Wedad D'Orfey decidiram mudar o nome do filme para *Laila*, um romance em longa-metragem, e assim em 16 de novembro, estreou o primeiro longa, produzido por uma mulher, Aziza Amir, que também o protagonizava.



Aziza Amin ( 1901- 1952) ([http://www.bibalex.org/AlexCinema/actors/Aziza\\_Amir.html](http://www.bibalex.org/AlexCinema/actors/Aziza_Amir.html))

O nacionalismo árabe crescia ou pelas teorias da Grande Síria de Antoun Sa´adah ou por influência do poeta egípcio Rifa´a Rafi El-Tah Tawi, com sua noção do *watan* ( idéia de pátria). No caso específico do Egito, a consciência de patriotismo e a participação do país na Liga Árabe contribuíram para as independências de vários países islâmicos colonizados no norte da África, fazendo deste conjunto de países árabes um apoio para a liberdade das colônias.

Em 1956, Nasser assume a presidência do país, marcada pela nacionalização do Canal de Suez. O Egito, após o golpe de Nasser e Neguib, assume a liderança e a proposta nacionalista da Liga Árabe.

“ A liga tentou ganhar novo alento graças às organizações mais revolucionárias, como o *Baas* sírio, mas foram os acontecimentos do Egito, com o golpe de Estado de Neguib e Nasser, em 1952, que a transformaram num novo instrumento, fermento de alavanca para a insurreição dos povos colonizados, muito em especial, quando ela passou a dispor de um poderoso alto-falante, A voz dos árabes, que emitia do Cairo e alcançava a África do Norte. ( FERRO, 1996. p. 290)”

Nasser percebeu, então, que o caminho para unir os povos árabes seriam os meios de comunicação, além do rádio, o cinema seria também o porta-voz do pan-arabismo, para isso, Nasser não poupou esforços e subsidiou todas as produções cinematográficas. Durante o nasserismo, o cinema viveria a sua era de ouro.

## **URIDO HALLEN – AS MULHERES QUEREM UMA SOLUÇÃO**

Como visto, Nasser estatizou o cinema e as rádios que passaram a ser, efetivamente, os aparelhos ideológicos do Estado, expandido a ideologia do pan-arabismo. No entanto, em relação às mulheres, mesmo a história do cinema egípcio ter sido marcada por elas, seu papel nos filmes dos anos 50 e 60, do século XX, sempre estava à sombra de um homem e nos

filmes pouco se discutia seu papel na sociedade, não importando se muitas já ocupavam um lugar no mercado de trabalho e freqüentassem as universidades.

Curiosamente, só nos anos 70, após o fim do nasserismo, o cinema egípcio, efetivamente, foi capaz de produzir algo que realmente mudasse as relações institucionais, surgindo assim o fenômeno *Urído Hallen* ( *Quero uma solução*).

A idéia do filme surgiu quando a atriz Faten Hamama leu uma matéria na revista egípcia *Hawa*, nos anos 70. A história sobre uma mulher a comovia, pois esta tinha sido casada com um alto executivo egípcio<sup>3</sup>. Contando mais de 50 anos, e sem filhos, ela deveria aceitar um ano de pensão alimentícia e depois procurar sobreviver sozinha, de acordo com a decisão judicial. Sem opção, uma vez que por não ter filhos não pudera barganhar a condição de se manter casada, conseguiu um trabalho como zeladora de um pronto-socorro, pois amigos e parentes a abandonaram.

A atriz, então, pediu para que sua amiga, a advogada e roteirista de cinema Husn Shah, pesquisasse casos similares a este nos tribunais egípcios. Os resultados foram surpreendentes, pois várias situações similares foram encontradas pela advogada e apresentados a Hamama. Um dos processos chamou a atenção da atriz, este se referia a uma mulher casada com um diplomata, que além de se recusar a dar o divórcio para sua mulher, a internou na Casa de Obediência<sup>4</sup> ( *Bait Al Taa'aa*), para que se regenerasse e reavaliasse seu pedido.

Com este argumento a pedido de Fatten Hamama, Husn Shah escreveu o roteiro do filme. Apesar de todo o prestígio da atriz no meio artístico, ela teve dificuldades em encontrar um diretor e um produtor que aceitassem o desafio do roteiro.

O primeiro impedimento surgiu como consequência do fim do nasserismo, pois não havia mais subsídios do governo, que estimulava as produções artísticas, principalmente o cinema. Os diretores, por sua vez, ou consideravam a história trivial demais ou reconheciam o caráter polêmico da obra, e com isso, apesar de todo o prestígio da atriz, declinavam, gentilmente, ao convite.

Num momento em que as conquistas feministas se consolidavam no ocidente, o filme levou para a mídia egípcia a discussão sobre a situação feminina no Egito, onde 95% da população é muçulmana, sem voz própria e com rígidas leis corânicas atuando nas relações familiares.

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida ao programa à tevê egípcia em maio de 2000.

<sup>4</sup> Casa para mulheres se regenerarem, quando pedem o divórcio para seus maridos ou que contrariam suas ordens. Existem ainda hoje.

Mesmo durante o governo do general Nasser, a causa feminista era discutida timidamente. Qualquer reivindicação para emancipar a mulher não poderia infringir a tradição islâmica, costumes e preceitos do islã e com isso não se avançava muito, na medida em que o próprio Corão coloca as mulheres em posição inferior a do homem e de ser impuro.

“Os homens têm autoridade sobre as mulheres pelo que Deus os fez superiores a elas e porque gastam de suas posses para sustentá-las. As boas esposas são obedientes e guardam sua virtude na ausência de seu marido conforme Deus estabeleceu. Aquelas a quem temeis a rebelião, exortai-as, bani-as de vossa cama e batei nelas. Se obedecerem, não mais as molesteis. Deus é elevado e grande.” (Surata 4, vers. 34)

No entanto, o diretor Said Marzouk aceitou o convite e *Urdo Hallen* conquistou as bilheterias do Egito e de todo o Oriente Médio, tornando-se um dos filmes mais populares e polêmicos das últimas décadas do século XX.

Reunindo no mesmo filme as várias situações lidas nos processos trazidos por Husn Shah, o diretor reconstruía a história social das mulheres egípcias, a fim de expor as relações de poder entre homens e mulheres.

A protagonista sofria a humilhação de ser internada na Casa de Obediência. De volta ao lar, o marido ( Roshdie Abaza), que lhe negara o divórcio, a repudiava, criando mais um problema. Na legislação islâmica, ao ser rejeitada publicamente pelo marido, a mulher fica impedida de um segundo matrimônio. Mesmo ciente de que não poderia de novo casar-se e sem ter direito ao dote que o marido lhe dera quando se casara, a luta da protagonista não cessava nos tribunais, perdendo em todas as instâncias. No entanto, a personagem não desistia da luta para uma solução de seu caso.



**Cena do filme, quando o marido lhe interna na Casa da Obediência. (Faten Hamama e Roshdie Abaza) [http://www.fatenhamama.com/Orid\\_hallan.html](http://www.fatenhamama.com/Orid_hallan.html)**

Na Casa da Obediência, a personagem tem contato com outras mulheres que viviam a mesma situação que a sua. Há uma agricultora que não queria mais viver com seu marido e para conseguir o divórcio, quebrou uma jarra de barro em sua cabeça intencionalmente para culpar o marido, e como vítima de um possível assassinato conseguir o divórcio. Talvez esse seja um momento cômico do filme, uma vez que os papéis se invertiam, o homem passou a ser vítima, mas retratava-se o desespero de uma situação: o direito ao divórcio pedido pelas mulheres de qualquer classe social.

É narrada, também, a situação de uma jovem operária que sobrevive graças à sua sagacidade, casando-se novamente. Na Casa da Obediência, a protagonista conheceu uma mulher que logo saiu, voltando para sua casa, no entanto, no filme, é visto que ela não aceita a voltar a viver com seu marido e com isso, após uma longa briga judicial, ela desaparece, descobrindo-se depois que morrera sem conseguir o divórcio.

Assim, as histórias dessas três mulheres denunciam os costumes da cultura islâmica que ainda predomina nos países muçulmanos, mesmo naqueles considerados mais modernizados. *Urido Hallen* denunciou esses costumes ao descrever com exatidão os mecanismos de dominação aos quais as mulheres eram submetidas. Com isso, ao entrecruzar história com a ficção, o diretor expõe a situação das mulheres egípcias vivida no Egito, mesmo após o nasserismo. Paul Ricoeur ao aprofundar suas reflexões sobre o entrecruzamento da história com a ficção nos diz que pode haver uma “afinidade profunda entre o verossímil da pura ficção e as potencialidades não efetuadas do passado histórico. [...]



O quase passado-passado da ficção torna-se assim o detector dos possíveis soterramentos do passado efetivo.” (RICOEUR, 1997, p. 347).

Há uma cena no filme em que a protagonista é perguntada pelo juiz se realmente desejava o divórcio. Ela confirmou seu desejo, já o marido ao ser perguntado, diz que não aceitava na medida em que tinha uma posição social prestigiada, nunca deixara faltar nada à mulher e cumpria com todas suas obrigações matrimoniais.



Cena do julgamento final ([http://www.fatenhamama.com/Orid\\_hallan.html](http://www.fatenhamama.com/Orid_hallan.html))

Com esses argumentos, o juiz rejeitou o pedido da mulher. Esta sai do tribunal sem terminar de ouvir a sentença, o marido a alcança iniciando assim uma discussão com agressões verbais, um aldeão que passava ouve e diz a ela que se precisasse ele testemunharia a favor dela. No entanto, não se chega a uma solução, e em *close* a protagonista urge por uma solução.



Cena final do filme. (<http://fatenhamama.com/images/faten.jpg>)

Depois de *Uridon Hallen*, foram inúmeras as novelas, debates, programas de entrevistas e mais filmes cuja temática era o direito das mulheres ao divórcio. O cinema, neste caso, atuou fortemente para a transformação de uma sociedade. *Urído Hallen* revolucionou as

relações sociais e jurídicas do Egito, pois muitas leis foram revistas em função da temática abordada pelo filme.

Considerando as colocações de Marc Ferro para quem o cinema, através de uma tensão própria, é capaz de viabilizar a compreensão e denúncia de uma sociedade variada, observamos que de acordo com o autor,

A câmera revela o funcionamento real daquela, diz mais sobre cada um do que queria mostrar. Ela descobre o segredo, ela ilude os feiticeiros, tira as máscaras, mostra o inverso de uma sociedade, seu “lapsus”. É mais do que preciso para que, após a hora do desprezo venha a da desconfiança, a do temor(...) A idéia de que um gesto poderia ser uma frase, esse olhar, um longo discurso é totalmente insuportável: significaria que a imagem, as imagens (...) constituem a matéria de uma outra história que não a História uma contra-análise da sociedade. ( FERRO, 1976, págs. 202-203)

Assim, *Urido Hallen* atingiu as estruturas e o estabelecimento das relações de poder no Egito, agindo como um “contra-poder”, e assim exprimia o desejo de boa parte das mulheres egípcias, propondo uma reflexão maior sobre sua condição social.

No entanto, o desejo da protagonista de uma solução para seu caso, há uma pergunta feita, por muitos que não entendiam o retrocesso que o país vivera com o fim do nasserismo. Como um país que tanto se modernizou nos aspectos políticos e sociais pôde manter a segregação feminina? Esta pergunta ecoava por todo o Egito.

No entanto, essa resposta não era tão difícil de ser respondida. A reação dos fundamentalistas islâmicos ao nacionalismo preconizado por Rifa’a a Rafi El-Tah Tawi foi imediata, uma vez que este nacionalismo “não era otomano, por cujo Império ele demonstrava pouco interesse; não era muçulmano, já que reivindicava a glória antiga do Egito pagão e cristão, antes do islã, tampouco árabe, posto que não se referia aos outros povos árabes [...]” ( FERRO, op. cit. p. 288) e à modernização desejada por comunistas e nacionalistas das primeiras décadas do século XX, reforçou o fundamentalismo da Irmandade Muçulmana<sup>5</sup>, cujo objetivo maior é libertar os países muçulmanos das influências diretas e indiretas dos estrangeiros, formando um Estado Islâmico uno. Não aceitando a política dos generais que derrubaram o Rei Farouk, uma vez que se aproximavam de Moscou, a Irmandade Muçulmana tanta assassinar Nasser.

---

<sup>5</sup> Hasan al-Bana criou a Irmandade Muçulmana no Cairo, em 1928. Esta facção religiosa defendia o retorno aos princípios islâmicos da época do profeta Maomé, como também estimulava a guerra santa, rejeitava o ocidente e o colonialismo. Sua atuação no Egito foi forte, sendo reprimida violentamente por Nasser. No entanto, hoje, a Irmandade Muçulmana atua fortemente em vários países, inclusive o Egito.

“ Nasser escapou da bala. Vários milhares de membros da organização foram presos. [...]. Essa virada dos acontecimentos empurrou o regime e a esquerda para perto um do outro, ainda que de novo Nasser e seus colegas tenham preferido integrar os intelectuais radicais dentro de suas estruturas de poder. Organizações rivais não seriam toleradas.[...] O clima era de ‘ neutralismo positivo’ na guerra fria, uma linha de argumentação desenvolvida pelo primeiro-ministro indiano Jawaharlal Nehru [...]” . ( ALI, Tariq. 2002. p. 148-149).

Mesmo tendo reprimido o grupo, sobretudo após a tentativa do seu assassinato, Nasser não ousava mais, pois vivia uma ambigüidade. De um lado modernizar o país, de acordo com os ditames de Moscou, de outro manter-se longe do ocidente para não causar insatisfações populares que poderiam derrubá-lo do poder, levando, assim, os fundamentalistas a assumir o controle do país.

## **POSSÍVEIS SOLUÇÕES 30 ANOS DEPOIS**

Provocando vários debates, no apagar das luzes do século XX, o legislativo egípcio aprovou o direito de as mulheres pedirem o divórcio, independente do consentimento de seus maridos, desde que renunciassem aos seus direitos de ordem econômica e devolvessem aos maridos o dote por eles pagos antes do matrimônio.

Em janeiro de 2000, foi aprovada uma lei no Egito que dava às mulheres o direito de requererem o divórcio, porém, muitos homens contra-argumentavam que essa lei é anti-islâmica, comprometendo a estrutura da família egípcia. Só nos primeiros seis meses da lei, 1.300 mulheres requisitaram o divórcio.<sup>6</sup>

Os imanes da mesquita de Al-Azhar se manifestaram contra, na medida em que a lei feria os princípios da *sharia*, já que, segundo o Corão, as mulheres não poderiam devolver o dote, pois este lhe garantiria a sobrevivência no caso de um divórcio: “ Está-vos vedado tirar-lhes algo de tudo quanto lhes haveis dotado, a menos que ambos temam contrariar as leis de Deus.” (Surata 2ª *Al Bacara*, vrs: 229.)

Esta discordância dos imanes levou os estudiosos do islã a concluir, após várias pesquisas, que seriam seis as razões para as mulheres pedirem o divórcio sem que abrissem mão do dote, já dado pelos maridos. A primeira e a principal seria a agressão física e moral,

---

<sup>6</sup> Fonte: BBC NEWS. 23 de março de 2000.

no entanto, esta seria a mais difícil de ser comprovada, pois tem caráter subjetivo. Outro problema foi criado, pois perguntava-se se o julgamento seria feito por um homem ou uma mulher. Apesar de haver juízas no Egito, estas, normalmente, são designadas para julgarem casos de corrupção política ou ainda crimes que envolvam políticos. Nos casos civis e nos processos que envolvem divórcios, normalmente são homens que julgam os casos. Todas essas discussões foram geradas como consequência dos problemas que o filme apresentava. Nas trilhas da emancipação feminina e das mudanças de costumes, um outro procedimento da *sharia* foi resgatado: a *urfi* (casamento provisório).

Esta modalidade de união tem sido praticada pelos jovens egípcios como forma de manterem uma vida sexual livre com seus parceiros. Essa modalidade de união, repudiada pelos mais velhos, permite a separação, caso as mulheres desejem, sem precisarem do consentimento do seu marido. Porém, em casos de herança a *urfi* não tem nenhum valor legal. A mesquita de *Al-Azhar* condena este fenômeno, na atualidade, mesmo sendo aceito pelo islamismo, pois vê nesta atitude uma forma de oficializar as relações sexuais entre pessoas que não são casadas.

A origem da *urfi* está no início das conquistas islâmicas. Para poderem viver sem estarem em pecado, os soldados que iam lutar em nome de *Allah*, para converter os “infiéis”, podiam se unir provisoriamente a mulheres que conheciam ou capturavam como escravas. Por estarem longe da família, a união provisória era permitida. A *urfi*, também, era consentida às viúvas de soldados da guerra santa, que podiam se unir a outros homens sem precisarem de nenhum tipo de consentimento familiar.

No islã, o casamento deve ser consentido por ambas as famílias, além do representante do futuro marido para a união, a presença de duas testemunhas deve acontecer, caso contrário o casamento não tem validade, penalizando, inclusive os infratores.

Hoje, no Egito há uma forte campanha contra a *urfi*, pois as mulheres ficam livres para escolher seus parceiros, no entanto, pagam um preço alto, pois se engravidarem seus filhos não serão reconhecidos como herdeiros do marido e ele, caso deseje, não é obrigado a reconhecê-los como legítimos.

Percebe-se, então, que muito pouco se avança pela emancipação feminina no Egito, um país idealizado por Nasser para ser o símbolo da modernidade do Oriente Médio. Novas discussões foram estimuladas pelo Conselho Nacional para Mulheres, presidido pela primeira-dama do Egito Gihan Mubarak, formado no final dos anos 80. A luta é lenta, mas há vitórias, uma das recentes conquistas das conquistas do Conselho foi a proibição da circuncisão

feminina, em 2007. Lamentavelmente, esta luta que se estendia há anos, só teve um desfecho após a morte de uma menina de onze anos.

A civilização que outrora teve mulheres como Cleópatra em seu comando, vive, ainda hoje, a incansável luta pelos direitos femininos.

## **O EFEITO *URIDO HALLEN* NAS MÍDIAS**

Além das questões legais, o filme de Fatten Hamama, trinta anos depois, ainda influenciava a sociedade egípcia. No mês de Ramadam ( mês sagrado para os muçulmanos), é comum os canais de tevê apresentarem novelas de época ou sobre o cotidiano ou ainda sobre alguma personalidade.

Quase trinta anos depois do fenômeno *Urido Hallen*, um grupo de mulheres tomava a frente de uma história que encantou todo o mundo árabe: a vida da maior cantora do Oriente Médio – *Um Kulthum*.



**Um Kulthum**

( [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/63/Umm\\_Kulthum4.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/63/Umm_Kulthum4.jpg))

Dirigida por uma mulher, Inam Mohamed Ali e escrita por outra, Ni'mat Fouad, o seriado fez enorme sucesso, pois foi uma forma de revalorizar a identidade cultural de um povo e o avanço social que a era Nasser possibilitou.

A cantora foi o símbolo do nacionalismo explorado por Nasser e assim, indiretamente, o seriado apontava o retrocesso da sociedade egípcia de hoje, dominada pela mentalidade fundamentalista., pois a cantora nascida no campo (1904–1975), desde cedo fora estimulada por seu pai a cantar. Ainda jovem, participou de concursos para cantores e, assim, ela encantou desde o rei Farouk ( deposto pelos coronéis do exército, dentre eles Nasser) ao próprio presidente Nasser.

Sempre cercada por compositores e músicos, todos homens, Um Kulthum viveu a era do ouro das artes egípcias propiciadas pelo nasserismo.

A atriz Sabine soube representar muito bem a cantora e resgatou a luta de uma mulher que nas décadas de 50 a 70 do século XX, conseguiu, em nome da arte, quebrar tabus e normas, sem ferir o caráter conservador da sociedade egípcia, mesmo sendo mulher.



**Atriz Sabine, interprete de Um Kulthum na tevê.**

<http://weekly.ahram.org.eg/2000/467/sabrin.jpg>

Esses dois exemplos, de grande sucesso, de diferentes maneiras mostraram o papel e o espaço que a mulher egípcia pode ocupar no Egito. *Urído hallen* instigou debates e discussões sobre as leis egípcias no que concernem às mulheres. A novela, por sua vez, mostrou a prosperidade cultural de uma era gloriosa para o nasserismo. No entanto, as duas produções colocavam em discussão o adormecido papel da mulher na terra de Cleópatra.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALI, Tariq. Confronto de Fundamentalismos. Tradução: Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ABDELRAHMAN, Laila y DOMINGO, Concepción. Mujer y desarrollo. Valencia: Universidad de Valencia, 2005.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas II. Magia, Técnica, Arte e Política. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1996.
- FERRO. MARC. (DIR). Film et Histoire. Paris: Éd. De l'École des Hautes Études em Sciences Sociales, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Filme: uma contra-análise da sociedade?* In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). História: novos objetos. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- HOBBSAWM. ERIC. A era dos extremos – O breve século XX ( 1914-1991). Tradução. Marcos Santarrita. Ed. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Tomo 3. São Paulo: Editora Papyrus, 1997.

### **WEBLIOGRAFIA**

- Sobre o cinema egípcio - <http://www.bibalex.org/AlexCinema/index.html> . Último acesso em 5/09/2008.
- Sobre a atriz Faten Hamama - <http://www.fatenhamama.com/> - Último acesso em 5/09/2008.

### **FILMOGRAFIA**

- URIDO HALLEN - VHS – Direção Said Marzouk. Actress Faten Hamama. ( 1975)
- OM KULTHUM – DVD – TV mini-series. Inaam Mohamad Ali. Actress, Sabrine. ( 1999)